

James Joyce

Os mortos

Tradução de
CAETANO W. GALINDO



P E N G U I N

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução © 2013 by Caetano W. Galindo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

“The Dead”, “Araby”, de *Dubliners*
Monólogo de Molly Bloom, de *Ulysses*

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warak

PREPARAÇÃO

Jacob Lebensztayn

REVISÃO

Valquíria Della Pozza
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Joyce, James, 1882-1941.

Os mortos / James Joyce; tradução Caetano W. Galindo. — 1^a ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Título original: The Dead

ISBN 978-85-63560-63-6

1. Ficção irlandesa 1. Título

13-01420

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura irlandesa ir823.9

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasmaterias.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Os mortos	7
Arábias	59
Monólogo de Molly Bloom, de <i>Ulysses</i>	67

Os mortos

Lily, a filha do zelador, estava literalmente perdendo a cabeça. Mal levava um cavalheiro até a despensa lá atrás do escritório no térreo e ajudava o cavalheiro a tirar o sobretudo e já a campainha resmunguenta da porta de entrada batia de novo e ela precisava se descamar pelo corredor vazio para receber mais um convidado. Só faltava ela ter que cuidar das senhoras também. Mas a srta. Kate e a srta. Julia tinham pensado nisso e tinham transformado o banheiro do primeiro andar num camarim para as senhoras. A srta. Kate e a srta. Julia estavam lá, fofocando e rindo e fazendo cena, indo uma atrás da outra até o alto da escada, espiando por cima da balaustrada e gritando para Lily dizer quem tinha chegado.

Era sempre grande coisa, o baile anual das senhoritas Morkan. Vinha todo mundo que conhecia as duas, gente da família, velhos amigos da família, os membros do coro de Julia, todos os alunos de Kate que fossem grandinhos, e até um ou outro dos alunos de Mary Jane, também. Nunca era sem graça. Por anos a fio o baile tinha sido um sucesso esplêndido, até onde a memória alcançava; desde que Kate e Julia, depois da morte de Pat, o irmão delas, tinham se mudado da casa de Stoney Batter e trazido Mary Jane, que era a única sobrinha, para morar com elas naquela casa escura e soturna na Usher's Island, no piso superior, que elas tinham alugado do sr. Fulham, da venda de grãos no

térreo. Isso tinha já bem trinta anos. Mary Jane, que na época era uma menininha de roupinha curta, agora era o centro da casa, pois era ela que tocava órgão na Haddington Road. Ela estudou no Conservatório e dava um concerto com os alunos dela todo ano na sala de cima do Antient Concert Rooms. Vários alunos dela eram das famílias mais bem de vida na linha Kingstown-Dalkey. Por mais que estivessem velhas, as tias dela também faziam sua parte. Julia, apesar de estar bem grisalha, ainda era a soprano principal na igreja de Adão e Eva, e Kate, fraquinha demais para andar muito por aí, dava aula de música para iniciantes naquele piano velho de armário no quarto dos fundos. Lily, a filha do zelador, trabalhava de arrumadeira para elas. Apesar de levarem uma vida simples, elas acreditavam em comer bem; o melhor de tudo: carne de primeira, chá de três xelins e cerveja preta engarrafada da melhor. Mas Lily quase nunca se atrapalhava com as compras, para não irritar as três patroas. Elas eram de fazer cena, só isso. Mas a única coisa que elas não toleravam mesmo era uma resposta malcriada.

Está certo que elas tinham por que fazer cena numa noite dessas. E também já passava bastante das dez e ainda nada de Gabriel e da esposa. Além de tudo elas estavam morrendo de medo que o Freddy Malins acabasse aparecendo torto. Elas não queriam nem pensar que um dos aluninhos de Mary Jane pudesse ver o Freddy alcoolizado; e quando ele estava daquele jeito às vezes era bem difícil lidar com ele. Freddy Malins sempre chegava tarde, mas elas estavam cismadas com o motivo da demora de Gabriel: por isso as duas iam de dois em dois minutos até a balaustrada perguntar a Lily se Gabriel ou Freddy tinham chegado.

— Ah, senhor Conroy — Lily disse a Gabriel quando abriu a porta para ele —, a senhorita Kate e a senhorita Julia estavam achando que o senhor nem vinha mais. Boa noite, senhora Conroy.

— Eu não hei de duvidar que estavam — disse Gabriel —, mas elas esqueceram que a minha esposa me mata de esperar quando tem de se trocar.

Ele ficou no capacho, raspando a neve das galochas, enquanto Lily levava a esposa dele até o pé da escada e gritava:

— Senhorita Kate, olha a senhora Conroy.

Kate e Julia titubaram simultâneas pela escada escura. Beijaram ambas a esposa de Gabriel, disseram que ela devia estar mortinha de frio, e perguntaram se Gabriel estava com ela.

— Eu estou aqui, tia Kate, pode apostar! Vá subindo. Eu já vou também — veio a voz de Gabriel do escuro.

Ele continuou a raspar vigorosamente os pés enquanto as três mulheres subiam, rindo, para o camarim das senhoras. Uma frágil franja de neve pousava como capa nos ombros de seu sobretudo e como bicos sobre as pontas das galochas; e, enquanto os botões do sobretudo deslizavam num rangido pelas casas que a neve enrijecera, um ar gelado, com cheiro de lá-fora, escapava de dobras e pregas.

— Está nevando de novo, senhor Conroy? — perguntou Lily.

Ela havia ido na frente dele até a despensa para ajudá-lo a tirar o sobretudo. Gabriel sorriu por causa das três sílabas que ela dera a seu sobrenome e lhe lançou um olhar ligeiro. Era uma menina magra; ainda estava crescendo, pele pálida e cabelo cor de palha. A luz a gás da despensa a deixava mais pálida ainda. Gabriel a conhecia desde que era menina e ficava sentada no primeiro degrau com uma boneca de pano no colo.

— Está, Lily — ele respondeu —, e acho que vai ser a noite toda.

Ele olhou para o teto da despensa, que vibrava com os pés que martelavam e deslizavam no andar de cima, ficou um momento tentando ouvir o piano e aí olhou

para a menina, que com cuidado guardava seu sobretudo dobrado na ponta de uma prateleira.

— Me diz uma coisa, Lily — falou numa voz amistosa —, você ainda está na escola?

— Ah, não, senhor — ela respondeu. — Chega de escola já esse ano.

— Ah, mas então — disse Gabriel, alegre — suponho que qualquer dia desses nós estejamos indo ao seu casamento com o seu namoradinho, hein?

A menina olhou para ele por cima do ombro e disse com grande amargura:

— Esses sujeitos de hoje em dia só querem saber de palavrório e de ver o que que eles conseguem de você.

Gabriel corou, como sentindo que houvesse cometido um erro e, sem olhar para ela, livrou-se das galochas e com o cachecol chicoteou detidamente seus sapatos de verniz.

Era um rapaz corpulento, mais para alto que baixo. A cor exaltada de seu rosto erguia-se até a testa, onde se estilhaçava em uns poucos pedaços de tênue rubor; e no rosto sem barba brilhavam inquietas as lentes bem limpas e os aros de luzes douradas dos óculos que lhe toldavam os olhos delicados e inquietos. Seu cabelo preto e lustroso estava dividido no meio e penteado numa longa curva por trás das orelhas, onde cacheava leve sob o sulco que lhe causara o chapéu.

Quando o chicote lustrara os sapatos, ele se ergueu e puxou melhor o colete sobre o corpo roliço. E então tirou veloz uma moeda do bolso.

— Ah, Lily — ele disse, metendo a moeda nas mãos dela —, ainda é tempo de Natal, não é mesmo? É só... toma um...

Ele caminhou velozmente para a porta.

— Ah, não, senhor! — gritou a menina, indo atrás dele. — De verdade, seu Gabriel, eu nem posso aceitar uma coisa dessa.

— É tempo de Natal! É tempo de Natal! — disse Gabriel, quase a trote rumo à escada e acenando como quem desconsidera.

A menina, vendo que ele chegara à escada, exclamou atrás dele:

— Bom, obrigada, então, seu Gabriel.

Ficou esperando à porta da sala até que esta valsa acabasse, ouvindo as saias que roçavam contra ela e os pés que deslizavam. Ainda estava descomposto pela resposta súbita e amarga da moça. Aquilo toldara-lhe o humor, que ele tentava desanuviar ajeitando os punhos da camisa e os laços da gravata. Tirou então do bolso do colete um papelzinho e deu uma olhada nas notas que tinha tomado para seu discurso. Estava indeciso quanto aos versos de Robert Browning, pois receava que fossem demais para seu público. Alguma citação que eles reconhecessem, de Shakespeare ou das *Melodias*, seria melhor. O estalido indelicado dos tacos dos homens e suas solas deslizantes o lembravam-lhe que o nível cultural deles era diferente do seu. Ele só ia passar ridículo citando um poema que eles não conseguiam entender. Iam achar que ele só estava exibindo sua educação superior. Ele ia deixá-los na mão como tinha deixado na mão a moça na despensa. Tinha assumido um tom errado. Aquele discurso todo era um equívoco do começo ao fim, um fracasso total.

Bem naquele momento suas tias e sua esposa saíram do camarim das senhoras. As tias dele eram duas velhinhas pequenas, com roupas simples. Tia Julia era uns dois centímetros mais alta. O cabelo dela, puxado para cobrir todo o topo das orelhas, era cinza; e cinza também, com sombras mais negras, seu grande rosto frouxo. Conquanto fosse corpulenta e permanecesse ereta, seus olhos lentos e lábios abertos lhe davam a aparência de uma mulher que não sabia onde estava ou aonde ia. Tia Kate era mais viva. Seu rosto, mais saudável que o

da irmã, era todo covas e rugas, como uma maçã vermelha murcha, e o cabelo, trançado à mesma maneira antiquada, não tinha perdido sua cor de castanhas maduras.

Beijaram ambas Gabriel calorosamente. Ele era o sobrinho preferido delas, filho da irmã morta, Ellen, que tinha se casado com T. J. Conroy dos Portos e Docas.

— A Gretta me disse que vocês não vão pegar um fiacre para voltar para Monkstown hoje, Gabriel — disse tia Kate.

— Não — disse Gabriel, virando-se para a esposa —, ano passado já foi demais, não é mesmo? A senhora não lembra, tia Kate, o resfriado que a Gretta acabou pegando? O fiacre com as janelas sacolejando daqui até lá, e o vento leste entrando na cabine depois que nós passamos por Merrion. Foi uma delícia. A Gretta pegou um resfriado horrível.

Tia Kate fazia uma cara seriíssima e sacudia a cabeça a cada palavra.

— Isso mesmo, Gabriel, isso mesmo — ela dizia. — Cuidado nunca é demais.

— Mas a Gretta aqui — disse Gabriel — se deixasse ia a pé para casa na neve.

A sra. Conroy riu.

— Não dê bola para ele, tia Kate — ela disse. Ele é um grande chato, agora com aquela máscara verde de noite nos olhinhos do Tom e obrigando o menino a fazer halteres, e forçando a Eva a comer mingau. Coitadinha! E ela simplesmente odeia a cara daquilo!... Ah, mas a senhora nunca vai imaginar o que é que ele me força a usar agora!

Ela caiu numa risada sonora e lançou um olhar para o marido, cujos olhos encantados e felizes andavam errando de seu vestido a seu rosto e cabelo. As duas tias riram empolgadas também, pois a solicitude de Gabriel era sempre uma piada entre elas.

— Galochas! — disse a sra. Conroy. — Era o que me faltava. Toda vez que fica úmido eu tenho que pôr as

minhas galochas. Até hoje, ele queria que eu calçasse, mas eu é que não ia usar. Qualquer dia desses ele vai me comprar uma roupa de mergulho.

Gabriel ria nervoso e dava tapinhas de consolo na gravata, enquanto tia Kate quase rachava de rir, de tanto que gostou da piada. O sorriso súbito sumiu do rosto de tia Julia e seus olhos apagados dirigiram-se ao rosto do sobrinho. Depois de uma pausa, ela perguntou:

— E o que é que são essas galochas, Gabriel?

— Galochas, Julia! — exclamava sua irmã. Santo Deus, você não sabe o que é uma galocha? A gente usa assim por cima... por cima da bota, não é, Gretta?

— Isso — disse a sra. Conroy. — Umas coisas de guita-percha. Agora nós temos um par cada um. O Gabriel diz que todo mundo está usando no Continente.

— Ah, no Continente — murmurou tia Julia, balançando lenta a cabeça.

Gabriel cerrou as sobrancelhas e disse, como se estivesse levemente contrafeito:

— Não é nenhuma maravilha, mas a Gretta acha muito engracado porque ela diz que a palavra parece coisa dos menestréis de Christy.

— Não me conte, Gabriel — disse tia Kate, com ríspido tato. — Claro que você providenciou um quarto. A Gretta estava dizendo...

— Ah, o quarto está certinho — replicou Gabriel. — Eu reservei no Gresham.

— Lógico — disse tia Kate —, de longe o melhor que você podia fazer. E as crianças, Gretta, você não fica preocupada com eles?

— Ah, uma noite só — disse a sra. Conroy. — Além disso, a Bessie vai cuidar deles.

— Lógico — disse tia Kate de novo. — Que conforto ter uma menina dessas, assim de confiança! Tem aquela Lily, e eu é que não sei o que deu nela ultimamente. Nem parece mais a mesma.

Gabriel estava a ponto de fazer algumas perguntas à tia sobre isso, mas ela de repente se interrompeu para desviar o olhar para a irmã, que tinha descido alguns degraus e esticava o pescoço por sobre a balaustrada.

— Mas, por favor — ela disse, quase irritada —, aonde é que vai a Julia? Julia! Julia! Aonde é que você vai?

Julia, que tinha descido metade de um lance, voltou e anunciou inalterada:

— Olha o Freddy.

No mesmo momento as palmas e mais um floreio final do piano disseram que a valsa acabara. A porta da sala de estar foi aberta por dentro e alguns casais saíram. Tia Kate puxou Gabriel de canto apressada e sussurrou no ouvido dele:

— Dá uma descidinha, Gabriel, seja bonzinho, para ver se ele está bem, e não me deixe ele subir se ele estiver torto. Eu tenho certeza que ele está torto. Certeza.

Gabriel foi até a escada e ficou ouvindo da balaustrada. Podia ouvir duas pessoas conversando na despensa. E aí reconheceu a risada de Freddy Malins. Ele desceu as escadas sem nenhum ruído.

— Mas que alívio — disse tia Kate à sra. Conroy — o Gabriel estar aqui. Eu sempre fico mais tranquila quando ele está... Julia, a senhorita Daly e a senhorita Power vão querer uns refrescos. Obrigada pela linda valsa, senhorita Daly. Foi um encanto.

Um homem alto e de cara encarquilhada, com um duro bigode grisalho e pele avermelhada, que passava com sua acompanhante, disse:

— E será que nós também podemos tomar um refresco, senhorita Morkan?

— Julia — disse tia Kate sumariamente —, e olha aqui o senhor Browne e a senhorita Furlong. Leve os dois para dentro, Julia, e a senhorita Daly e a senhorita Power.

— Eu sou o homem das senhoritas — disse o sr. Browne, cerrando os lábios até eriçar o bigode e sorrindo por

todas as rugas. — Sabe, senhorita Morkan, o motivo de elas gostarem tanto de mim é...

Ele não terminou a frase mas, vendo que tia Kate já ia longe, imediatamente conduziu as três moças para a sala dos fundos. O meio do cômodo estava tomado por duas mesas quadradas emendadas, e nelas tia Julia e o zelador ajeitavam e alisavam uma grande toalha. No aparador dispunham-se pratos e salvas, e copos e feixes de facas, colheres e garfos. O topo do piano de armário fechado servia também de aparador para viandas e doces. Diante de um aparador menor a um canto estavam parados dois rapazes, bebendo báter de lúpulo.

O sr. Browne conduziu para lá suas protegidas e ofereceu a todas, jocosamente, um ponche para damas, quente, forte e doce. Como disseram que nunca bebiam coisas fortes, ele abriu três garrafas de limonada para elas. Aí pediu que um dos rapazes se afastasse e, tomando posse do decantador, serviu-se de uma bela dose de uísque. Os rapazes olhavam respeitosos enquanto ele provava um gole.

— Deus que me ajude — ele disse, sorrindo —, mas isso aqui é bem o que o médico receitou.

Seu rosto encarquilhado rasgou-se em sorriso mais amplo, e o riso das três moças ecoou musicalmente seu gracejo, enquanto balançavam o corpo para a frente e para trás, com nervosos espasmos dos ombros. A mais audaciosa disse:

— Ai, senhor Browne, eu sei muito bem que o médico nunca receitou uma coisa dessas.

O senhor Browne tomou mais um golinho do uísque e disse, num arremedo de confidencialidade:

— Bom, é que, sabe, eu sou como a famosa senhora Cassidy, que dizem que falou: Mas, Mary Grimes, se eu não tomar, me faça tomar, porque eu estou sentindo que eu quero tomar.

O rosto quente dele se inclinara um tanto cúmplice demais e ele tinha adotado um sotaque dublinense muito

baixo, de modo que as moças, com um mesmo instinto todas, silentes, receberam sua fala. A srta. Furlong, que era uma das alunas de Mary Jane, perguntou à srta. Daly qual o nome da valsinha bonita que ela tocou; e o sr. Browne, vendo-se ignorado, virou-se prontamente para os dois rapazes que eram mais apreciativos.

Uma moça enrubescida, trajando amor-perfeito, entrou na sala, batendo palmas empolgada e gritando:

— Quadrilhas! Quadrilhas!

Nos calcanhares dela vinha a tia Kate, gritando:

— Dois cavalheiros e três damas, Mary Jane!

— Ah, olha aqui o senhor Bergin e o senhor Kerrigan — disse Mary Jane. — Senhor Kerrigan, o senhor dança com a senhorita Power? Senhorita Furlong, posso lhe arrumar um par, o senhor Bergin. Ah, assim fica certinho.

— Três damas, Mary Jane — disse tia Kate.

Os dois rapazes perguntaram às moças se elas lhes dariam o prazer, e Mary Jane virou-se para a srta. Daly.

— Ah, senhorita Daly, a senhorita é tão boazinha, depois de tocar as duas últimas, mas é que hoje nós estamos tão mal providas de damas.

— Eu não me incomodo mesmo, senhorita Morkan.

— Mas eu tenho um par perfeito para a senhorita, o senhor Bartell D'Arcy, o tenor. Eu vou fazer ele cantar mais tarde. A cidade inteira está maluca por causa dele.

— Uma voz linda, linda! — disse tia Kate.

Como o piano tinha começado duas vezes o prelúdio à primeira figura, Mary Jane conduziu velozmente seus recrutas para a sala. Eles mal acabavam de sair quando tia Julia foi entrando devagar na sala, olhando alguma coisa por sobre o ombro.

— O que foi, Julia? — perguntou Kate, tensa. — Quem é?

Julia, que trazia uma coluna de guardanapos, virou-se para a irmã e disse, simplesmente, como se a pergunta fosse uma surpresa:

— É só o Freddy, Kate, e o Gabriel com ele.

De fato logo atrás dela via-se Gabriel pilotando Freddy Malins pelo patamar. Este último, um homem de cerca de quarenta anos, era do tamanho e do porte de Gabriel, com ombros bem redondos. Seu rosto era carnudo e pálido, tocado de cor somente nos grossos lóbulos pendentes das orelhas e nas amplas abas das narinas. Tinha traços grosseiros, um nariz curto, uma testa convexa e reentrante, lábios túmidos e projetados. Os olhos de pesadas pálpebras e a desordem de seu cabelo ralo davam-lhe um ar de sono. Ria animado em tom agudo de uma estória que vinha contando a Gabriel na escada e esfregava ao mesmo tempo os nós dos dedos do punho esquerdo para trás e para a frente no olho esquerdo.

— Boa noite, Freddy — disse tia Julia.

Freddy Malins deu boa-noite para as senhoritas Mor kan de um jeito que pareceu meio descuidado em razão de sua voz sempre embargada e aí, vendo que o sr. Browne sorria para ele do aparador, atravessou a sala com passo pouco firme e se pôs a repetir a meia-voz a estória que aca barava de contar a Gabriel.

— Ele não está tão mal assim, não é? — disse tia Kate para Gabriel.

As sobrancelhas de Gabriel estavam pesadas, mas ele as ergueu rapidamente e respondeu:

— Ah, não, mal se percebe.

— Mas me diga se ele não é terrível! — ela disse. — E a coitada da mãe dele fez ele jurar na véspera do Ano -Novo. Mas vamos, Gabriel, vamos para a sala de estar.

Antes de sair da sala com Gabriel, ela fez um sinal para o sr. Browne fechando o rosto e sacudindo o indicador de um lado para o outro, um aviso. O sr. Browne aquiesceu com a cabeça e, quando ela saiu, disse para Freddy Malins:

— Mas, então, Freddy, eu vou te servir um belo de um copo de limonada só para te dar uma sacudida.